

Ideologia do gênero – O que é? Como surgiu?

Entrevista com Daly O'Leary, especialista em ideologia do gênero.

O último século foi o período de uma justa luta das mulheres contra os abusos, tratamento injusto e humilhantes estereótipos. Como resultado dessa luta foram as leis, que garantiram às mulheres o *status* de igualdade. Porém, na década dos 70 do século passado, sobre o movimento feminista começaram a exercer uma forte pressão das ideologias radicais que propagavam uma nova e revolucionária visão do homem. Essas ideologias fizeram com que a luta pelos direitos iguais das mulheres se tornassem apenas um pretexto para combater a assim chamada “família tradicional” e a maternidade, e apoiar a promiscuidade sexual. Por isso, as diversas instituições convocadas pelos países, com o propósito de assegurar a igualdade entre homens e mulheres, servem mais à propagação de ideias radicais feministas, do que a defesa dos verdadeiros interesses das mulheres e da sociedade. Uma dessas ideologias é amplamente propagada a ideologia do gênero (“gender” em inglês).

Dale O'Leary é americana, autora do livro “Gender Agenda: Redefining Equality” (Programa gender – nova definição da igualdade). É mãe de quatro filhos e avó de doze netos. Dirige a revista virtual “The Facts” (www.thefactis.org) editada em Washington, que se dedica aos problemas da política social seja nos Estados Unidos, como no mundo. A revista é sustentada pela Fundação da Cultura da Vida (Catholic Family & Human Rights Institute).



– Quais foram os objetivos iniciais dos movimentos feministas no Ocidente?

Daly O'Leary – De modo geral, podemos dizer que na segunda metade do século XX as sociedades ocidentais lutavam para conciliar a igualdade entre o homem e a mulher respeitando as suas diferenças biológicas. Nos anos 60, as mulheres protestavam contra as leis e os costumes, que faziam com que fossem tratadas de forma diferente dos homens. Em resposta a esses protestos, os governos dos países aprovaram leis, que garantiam às mulheres a igualdade. As mulheres sabiam aproveitá-las bem rapidamente – aumentou o número das mulheres estudantes nas instituições de ensino superior, com capacidades profissionais e ocupando altos cargos governamentais.

– Porque num certo momento a luta pelos direitos iguais das mulheres se transformou em luta contra os homens e a família?

Daly O'Leary – Nos anos 70, ao movimento feminista juntaram-se os radicais, que consideravam as mulheres como protótipo da “classe oprimida”, e a família, com a “heterossexualidade obrigatória”- instrumento de opressão. Esse movimento filosófico teve origem em Friedrich Engels e na sua análise do surgimento da família. Em 1884, Engels escrevia: “Na história, como primeiro antagonismo é preciso reconhecer o antagonismo entre o homem e a mulher no matrimônio monogâmico, e como principal opressão – opressão da mulher pelo homem”. Shulamith Firestone no seu livro “The Dialectic of Sex (Dialética do gênero)”, publicado em 1970, modificando a ideia da luta de classes, convoca à “revolução das classes do gênero” (sex-class revolution): “Para eliminar as classes do gênero, a classe submissa (mulheres) deve revoltar-se e assumir o controle

da reprodução... Isto significa que o objetivo da revolução feminista não é somente a eliminação dos privilégios dos homens, o que foi objetivo do movimento feminista, mas a eliminação das diferenças entre os sexos; as diferenças entre os sexos não terão mais nenhuma importância.

- Isto explica o porque esse novo feminismo se posicionou não somente contra os homens, mas também contra a maternidade.

Daly O'Leary – Segundo Firestone, a essência da opressão da mulher é a maternidade e a educação dos filhos. Os que apoiam essa posição acham que o aborto desejado, a anticoncepção, a total liberdade sexual, o trabalho das mulheres fora de casa e permanências das crianças em creches, sustentadas pelo estado, são condições necessárias para a libertação das mulheres. Nancy Chodorow no livro “The Reproduction of Mothering” afirma que enquanto as mulheres cumprirem a função educativo-zeladora, as crianças vão crescer percebendo a humanidade dividida em duas classes e – segundo ela – desiguais. Esta seria a causa da tolerância da “opressão de classes”.

- Isto significa que as feministas radicais querem que as crianças vivam sem família?

Daly O'Leary – Sim. O novo feminismo quer eliminar a família biológica. Alison Jagger, no livro usado nos cursos para as mulheres, mostra qual deveria ser o resultado desejado da revolução das classes de gênero: a eliminação da família biológica eliminará também a necessidade da opressão dos sexos. O homossexualismo masculino e feminino, como também as relações sexuais extra-matrimoniais, não serão mais vistas na ótica liberal como opções alternativas... A própria “instituição” da convivência sexual, onde a mulher e o homem exercem papéis diferentes, desaparecerá. A humanidade poderá, então, voltar à sua natural, multifacial e perversa sexualidade.

- Como surgiu a ideia e a expressão “gender”?

Daly O'Leary – O problema diante do qual se encontraram as pessoas que promoviam a revolução contra a família, estava em como eliminar as “classes dos sexos” (sex classes), as quais são condicionadas pelas diferenças biológicas entre a mulher e o homem. A solução deste dilema foram as teses do dr. Money de Hopkins University de Baltimore (EUA). Até os anos 50, a palavra “gender” era um termo gramatical e indicava se uma palavra é de gênero masculino, feminino ou neutro. Dr. Money começou a usá-lo num novo contexto e introduziu o termo “gender identity” – a “identidade do gênero”, para indicar se uma pessoa se sente homem ou mulher. Money achava que a identidade sexual – “gender identity” – depende do fato como a criança é educada, e, às vezes, é distinta da identidade biológica.

- De que modo as feministas aproveitaram as teorias do dr. Money?

Daly O'Leary – Kate Millet, no seu livro de 1969, “Sexual Politics” (Política sexual), escrevia: “Não existe diferença entre os sexos no momento do nascimento. A personalidade psicosssexual é, portanto, algo apreendido depois do nascimento. Deste modo, a ideia de sexo (gênero) como uma criação social entrou nas teorias feministas. A ideologia do gênero fez com que a prioridade do movimento feminista deixasse de ser a luta política, que discriminava as mulheres, se tornou uma luta para combater ideias que evidenciavam as diferenças entre a mulher e o homem e acentuavam o principal papel da mulher na esfera educativo-zeladora.

- As feministas recorriam frequentemente ao fórum das Nações Unidas para impor ao mundo as suas ideias radicais. Era assim também no caso da ideologia “gender”?

Daly O'Leary – Até 1990, nos documentos da ONU se acentuava a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres. Mas, nos anos 90 o problema “gender” ocupou a posição privilegiada. Num folder da agência INSTRAW, da ONU, intitulado “Gender Concepts”, a ideia “gender” é definida como “sistema de papéis e relações entre mulher e homem, que não é determinado biologicamente, mas depende do contexto social,

político e econômico. Assim, como o sexo biológico é dado pela natureza, o gênero é um produto". O grande problema é que, às vezes, as pessoas que usam o termo "gender" não são conscientes das suas raízes ideológicas.

- Isto era perceptível durante algumas conferências mundiais da ONU, quando os delegados de vários países assinavam documentos, nos quais recorria o termo "gender", sem saber o que ele significa exatamente e em que se diferencia do termo "sexo-gênero".

Daly O'Leary – É verdade. Basta lembrar a Conferência Mundial da ONU dedicada à mulher, que aconteceu em Pequim, em 1995. No texto final, "Platform for Action" (Plataforma da ação), se lê: "Em muitos países as diferenças entre realizações e ocupações dos homens e das mulheres continuam não sendo reconhecidas como consequências dos papéis de gênero criados pela sociedade, mas de imutáveis diferenças biológicas".

- É evidente que a diferença dos papéis dos homens e das mulheres é consequência das naturais diferenças biológicas! O homem não pode engravidar, não pode alimentar a criança com peito...

Daly O'Leary – É evidente que sim, mas da perspectiva da ideologia do gênero é inaceitável que a mulher possa escolher a maternidade como vocação primordial. Atestam isso as palavras de Simone de Beauvoir. Quando Betty Frieden perguntou a ela se as mulheres poderiam ter o direito de escolher ficar em casa e educar os filhos, a escritora respondeu: "As mulheres não deveriam ter esta possibilidade de escolha, porque, se esta possibilidade existisse realmente, um número demasiado de mulheres recorreriam a tal direito".

- São palavras muito significativas. Voltemos, ainda, à teoria do dr. Money. Ela foi confirmada cientificamente?

- Daly O'Leary – Quando a ideologia de gênero estava se tornando mais popular, as suas motivações teóricas se desfizeram. As teoria do Dr. Money foram desacreditadas pelas pesquisas científicas referentes ao desenvolvimento do cérebro. Os exames pré-natais demonstraram que ainda antes de nascer os cérebros do menino e da menina se diferenciam significativamente; isto tem influência no modo diferente de percepção dos movimentos, cores e formas. Isto causa, p. ex., que no menino há uma "preparação biológica" para usar brinquedos masculinos, e nas meninas, dos brinquedos femininos. As mulheres, a começar pelo ventre materno, são dotadas de uma particular sensibilidade com outras pessoas, que é necessária no desempenho do papel de mãe.

- Para que serve isso, se algumas feministas não querem reconhecer o papel especial da mulher na sociedade e ignoram as pesquisas que confirmam isso?

Daly O'Leary – Isto é um grande problema. Os cientistas que pesquisam as etapas iniciais do desenvolvimento da criança e do seu cérebro estão perplexos com o fato de que a importância dos laços entre a mãe e a criança é ignorada por aqueles que gostariam de ver a mulher apenas como força de trabalho, e as crianças nas creches.

- A ideologia de gênero é partidária de uma nova definição do matrimônio, que incluiria também os casais do mesmo sexo. Nos últimos anos apareceram muitas publicações, nas quais se sugere, que não existe nenhuma diferença significativa entre as crianças educadas pelos casais do mesmo sexo e os casais naturais. As testes desse tipo merecem credibilidade?

Daly O'Leary – Aqueles que analisaram tais pesquisas consideraram-nas não válidas. Segundo prof. Lynna Wardle, "a maioria das pesquisas referentes à genitoriedade dos homossexuais apoia-se na documentação insuficiente do ponto de vista quantitativo, defeituosa quanto à metodologia e a análise (some of little more than anecdotal quality), e, em consequência, na fraca base empírica, para ser decisiva para uma política social". Por um lado, muitas pesquisas confirmam, que a presença do pai e da mãe aumenta o bem-estar da criança. Patric Fagan de Heritage Foundation recolheu uma grande quantidade de

provas que evidenciam a importância de possuir um pai e uma mãe, que vivem juntos. Por outro lado, “as crianças criadas pela mãe solteira ou pais separados, são expostas ao maior risco de experiência da pobreza e dos abusos, problemas educacionais e sentimentais”.

O futuro da sociedade depende das crianças, por isso, colocar o bem das crianças acima de tudo é o nosso dever.

– Qual é a posição da Igreja em relação à ideologia de gênero?

Daly O’Leary – A Igreja Católica não pode ser indiferente, quando, em nome do “bem” da mulher se agride a família, o matrimônio, a maternidade, a paternidade, moral da vida sexual e vidas não nascidas. A Igreja decididamente condena o tratamento abusivo das mulheres na família, mas a resposta aos maus-tratos não pode ser combater a família como tal! Quando a sociedade encoraja a convivência sexual fora do matrimônio, o aborto, o divórcio e a mentalidade anticonceptiva, as primeiras vítimas são as mulheres. A contínua luta das “classes de gênero (sex-class struggle) não vão conduzir à autêntica libertação da mulher. Uma antropologia errada, que nega as diferenças entre os sexos, deixa as mulheres numa situação nada invejável: ou procuram imitar o comportamento masculino, ou perdem energia para transformar os homens em “pseudomulheres”. Grandes somas de dinheiro são gastas para lutar contra os naturais desejos da mulher de ser mãe. É óbvio que a ideologia de gênero conduz a um beco sem saída.

A solidariedade entre o marido e a esposa em família, entre o homem e a mulher na sociedade é necessária, para agir frutuosamente em prol de todos. Mulher, que tem consciência das diferenças do sexo é livre e pode colaborar com os homens, sem risco de perder a própria identidade. O apoio ao matrimônio e à família, à paternidade e à maternidade não constitui, de modo algum, uma ameaça às leis, à dignidade e à fundamental igualdade das mulheres. Contudo, é sempre necessária a proteção da mulher contra os abusos e a injustiça, a distinção entre os sexos e os humilhantes estereótipos, como também assegurar o direito das mulheres e dos homens à escolha de ocupações atípicas.

– O que a Igreja tem a dizer nesta importante disputa?

Daly O’Leary – João Paulo II repetia frequentemente que a alternativa para a luta de classes é a solidariedade. Alguém que é interessado a criar verdadeiramente uma sociedade a favor da mulher, encontrará a linha da atuação no livro do Card. Karol Wojtyla “Amor e Responsabilidade”. A desaprovação por João Paulo II aos comportamentos em que se trata uma pessoa como objeto, com certeza é a favor das mulheres que são as primeiras vítimas do utilitarismo sexual e econômico.

Uma colaboração frutífera entre mulheres e homens deve apoiar-se na verdade sobre a pessoa humana. Deus criou mulher e homem como dois sexos, diferentes mas iguais, instituiu o matrimônio e a família, como também as leis que orientam a moral; e Deus não pode ser injusto. Por isso, as mulheres não deveriam ter medo da cultura que sublinha e respeita as diferenças entre mulheres e homens.

Fonte: <http://www.niedziela.pl/>

<https://www.diocesedeanapolis.org.br/ideologia-do-genero-o-que-e-como-surgiu/>

Tradução: DJW